

A INFLUÊNCIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA NOS DESFILES CONCEITUAIS

The influence of contemporary art shows in concept

Valladares, Petruska Toniato; Mestranda em Artes pela UFES; Docente do curso Design de Moda UVV/ES, petruska.toniato@gmail.com¹

Resumo:

O presente artigo relata, através de uma abordagem histórica, a influência entre a arte e a moda, com base na perceptível permuta de códigos conceituais entre as áreas, estabelecendo uma interface através dos desfiles conceituais, constatando a crescente diminuição de fronteiras entre as duas formas de manifestações culturais, visivelmente unidas pelo desejo da criação.

Palavras Chave: Arte Contemporânea. Moda. Desfiles.

Abstract:

This article reports through a historical approach, the influence between art and fashion, based on the apparent exchange of conceptual codes between areas, establishing an interface through conceptual shows, noting the increasing reduction of borders between the two forms cultural events, visibly united by creating desire.

Keywords: Art. Fashion. Parades. Performance.

Introdução

O diálogo entre as artes plásticas e a moda vem de longa data. Uma área penetra a outra, enriquecendo a ambas, tanto no repertório final, como no discursivo. São vários os artistas plásticos que criaram ou produziram (e produzem) para o universo da moda, da mesma forma que são muitos os estilistas que pautam suas criações em linguagens consagradas no campo das artes.

¹ Professora na Universidade Vila Velha. Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialista em Produção de Moda pela Universidade Vila Velha. Mestranda em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo.

As vanguardas do século XX trouxeram uma nova concepção de sociedade que exploravam diferentes e novas formas de expressão. É diante dessas vanguardas que moda e arte vivem mais intensamente todas as conexões possíveis.

Os desfiles conceituais seguem a mesma proposta da arte de vanguarda, na qual as roupas, assim como as obras, ocupam um lugar secundário em relação ao conceito. Como os artistas de performance dos anos 60 e 70, os *designers* conceituais buscam caminhos alternativos à forma comum de produzir e mostrar seu trabalho.

Atualmente, é comum observarmos estilistas conceituais promoverem desfiles que lembram muito os movimentos presentes na arte contemporânea, recusando convenções e fórmulas prontas, arriscando-se em um universo em que a roupa e sua comercialização são postos de lado em nome de experimentações e ruptura com o lugar comum da moda.

Relações entre arte contemporânea e moda conceitual

A arte funciona para a moda como um suporte que agrega valores imaginativos e criativos, e a moda se torna para a arte um veículo para aproximá-la do público.

[...] o costureiro, ao criar um modelo, resolve problemas de equilíbrio de volumes, de linhas, de cores, de ritmos. Como o escultor ou pintor ele procura, portanto, uma Forma que é a medida do espaço [...] Como qualquer artista o criador de modas inscreve-se dentro do mundo das Formas. E, portanto, dentro da Arte. (SOUZA, 1987, p. 33)

As relações entre arte e moda se intensificam a partir do século XIX, com o costureiro inglês Charles Frederic Worth, quando transformou seus modelos em criações exclusivas, assim como as obras de arte. Nesse período, Worth passa a ter suas peças assinadas e protegidas por leis como as obras dos artistas da época.

Os laços entre o domínio da arte e da moda são muito maiores do que deixam supor os discursos e a crítica. A interpretação entre esses dois domínios revela aspectos diversos que variam segundo o contexto histórico. Não é apenas uma perspectiva recente que

começa a se interrogar sobre a proximidade existente entre arte e moda, embora seja preciso ressaltar que, num primeiro momento, os laços estabelecidos eram entre arte e 'arte' da vestimenta, uma vez que é somente a partir de meados do século XIX que a moda se instala enquanto tal [...]. (CIDREIRA, 2005, p. 78)

Uma forte interação entre arte e moda aconteceu com o surrealista² espanhol Salvador Dalí e a estilista italiana Elza Schiaparelli, que desenvolveu coleções em que, não somente as roupas, mas diversos acessórios traziam forte influência surrealista. Assim como Dalí, que criou várias peças de vestuário e também acessórios, como o chapéu em forma de sapato feminino chamado de *Les Souliers de Gala*.

Em 1936, Elsa Schiaparelli realizou seus primeiros desfiles inspirados no surrealismo, com a colaboração de Jean Cocteau e Dalí. Foi ela quem iniciou a apresentação de desfiles temáticos, que acabaram se tornando constantemente nas passarelas até hoje. (PEZZOLO, 2013, p. 160)

Assim como na arte contemporânea, a moda, a partir das décadas de 80 e 90, passa a adquirir um caráter conceitual, e o que importa é transmitir um pensamento, uma sensação.

Na contemporaneidade, deve-se observar, de modo preciso e crítico, essa relação das linguagens artísticas com a moda, pois apesar da contaminação dos meios e da possibilidade de interação entre eles, os dois campos de produção estética são diferentes. É a funcionalidade em contraposição à pura contemplação.

Percebe-se tal relação nas apresentações da coleção de Junya Watanabe, inverno 2000 (Figura 1) e de Martin Margiela, verão 2008 (Figura 2), que, apesar da forma de evolução na passarela ter sido tradicional, é clara a inspiração nas performances de Rebecca Horn; sem esquecer o desfile de Hussein Chalayan, verão de 2009, que apresentou forte referência das obras de Floria Sigismundi, uma artista conhecida por suas instalações e vídeos musicais, inovadores e excêntricos (Figura 3).

² O Surrealismo foi um movimento da arte moderna, que mostrava a importância do inconsciente na criatividade do ser humano.

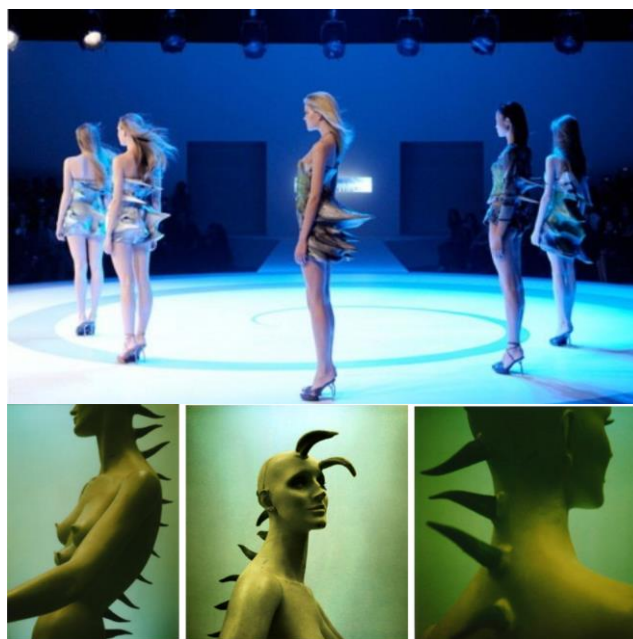
Figuras 1: obra de Rebecca Horn (<http://www.mot-art-museum.jp>), 1978; e desfile Junya Watanabe (Musée Galliera), 1999.



Figuras 2: Rebecca Horn (<http://magazyn.o.pl>), 1993; Martin Margiela (gotasdemodaarte.wordpress.com), 2008.



Figura 3: Hussein Chalayan (<http://metro.co.uk>), 2009; Flavia Sigismondi (<http://www.csudh.edu>), 2001.



Apesar de serem segmentos distintos, são claramente perceptíveis as conexões possíveis entre arte e moda, assim como a relação entre as duas formas de linguagem, especialmente em se tratando de arte contemporânea e moda conceitual.

Rei Kawakubo, da Comme des Garçons, e Martin Margiela há muito são louvados por sua abordagem única à construção da roupa e seu compromisso com a forma em detrimento da função. Ambos os designers se apoiam em desfiles simples para revelar suas criações à indústria, não raro tratando a convenção como um mal necessário. Sua preocupação é a forma e o design da roupa, o que resulta em desfiles inspirados nas performances de Rebecca Horn e Jana Sterbak. A fisicalidade das performances de Horn e Sterbak – realizadas por meio de adornos corporais e elementos de fantasia – é fundamental ao entendimento dos conceitos em questão. (DUGGAN, 2002, p. 20)

Na arte contemporânea, as linguagens se misturam, muitas vezes apropriando-se uma da outra, gerando obras de caráter híbridas. O mesmo ocorre com os estilistas chamados conceituais, que de diversas maneiras são influenciados pelas correntes artísticas.

Além da transformação dos quadros em meros objetos de decoração, ocorrem no século XX múltiplas ações e movimentos que provam o interesse recíproco entre os mundos da arte e da moda. As afinidades observadas visualmente correspondem a atitudes bem diferenciadas: repensar a vida por meio do vestuário, rever o sistema da moda, criar sinergias arte-moda para imprimir alma à indústria, enfim, empregar o vestuário como suporte da expressão artística. (MÜLLER, 2000, p. 4)

O desfile da grife M. Officer, em 1997, foi uma parceria com o artista plástico Tunga, que culminou com um desfile intitulado *Sempre gostei de bagunça*.

Segundo o artista, não se tratava de 'levar a arte ao mundo da moda, e sim, de olhar a arte no mundo da moda'. Aconteceu no Morumbi Fashion, em fevereiro, com dez modelos usando calças jeans e tops de tricô, além de um osso e um bastonete fluorescente amarrados nas pernas. Cada moça despiu uma outra, puxando o fio das blusas de tricô que se desmanchavam, até ficarem com os seios de fora. (COSTA, 2009, p. 66)

O desfile, batizado por Tunga de *Instauração*, serviu de inspiração para a obra *Serei-a* (1997), uma performance filmada pelo artista multimídia Arthur Omar, que se transformou em um videoarte intitulado *A última sereia*.

É na imaginação, no idealismo e na ideia geradora do conceito que prevalece a arte. Em muitos casos, a roupa torna-se objeto não usável, imergindo por completo no conceito de arte ou vice-versa.

Os desfiles espetaculares

Algo que começou como um mostruário de loja e se transformou em espetáculos: assim são os desfiles hoje. Começando com a escolha dos locais para a apresentação das coleções que são os mais inusitados possíveis, até chegar aos formatos mais variados, tais como performances, danças, projeções holográficas, vídeos, passarelas virtuais, entre outros.

Se a virada do século vinte viu o desfile de moda evoluir a partir do teatro comercial, seu final testemunha a transformação da moda comercial em algo próximo ao que a acadêmica de moda Judith Butler denomina “performatividade” (Butler, 1990). O desfile de moda, com sua ênfase na novidade e espetáculo, tornou-se opção para identidades pós-modernas. (EVANS, 2002, p. 66)

Lugares inusitados para apresentações dos desfiles, bem como passadas diferenciadas de modelos nas passarelas já se viam nos lançamentos das coleções de Paul Poiret, Elsa Schiaparelli, entre outros, como Pierre Balmain, que em 1948 promoveu um desfile na *Torre Eiffel*, em Paris, onde uma de suas modelos entrou em cima de um elefante cor de rosa (EVANS, 2002, p. 52).

Mas, foi na década de 60, com a arte contemporânea em plena efervescência através de seus movimentos inovadores, que se fez mais intensa a forte influência na moda, marcando um momento de virada na história dos desfiles. Mary Quant passa a utilizar som e luz nas suas produções, e André Courrèges inova seus desfiles com evoluções totalmente diferenciadas (Figura 4).

Figura 4: Desfile André Courrèges (<http://theredlist.com>), 1969.



Mary Quant e André Courrèges iniciam um novo formato nos desfiles de moda. Ao som de músicas do momento, as modelos agora representam e dançam, em produções montadas por coreógrafos e diretores de espetáculo, sem esquecer que Quant também inova com produções para seus *looks*, com algo próximo ao que chamamos hoje de *styling* (EVANS, 2002).

[...] A editora de moda Brigid Keenan escreveu: Em janeiro de 1964, os jornalistas no salão da Courrèges em Paris espantaram-se com o ambiente moderno em vinil branco e caixas brancas de assento. A um ritmo batido em alto volume, o desfile começou, moças gigantes de cabelos tosados, sardentas, bronzeadas, sorrindo largamente em saias vários centímetros acima dos joelhos e botas brancas sem salto. Courrèges lançava suas roupas da “era espacial” e, astuto, sabia que era inútil expor ideias tão revolucionárias, a não ser num novo tipo de modelo, num novo tipo de *salon*. (KEENAN, apud EVANS, 2002, p. 57)

Estilistas considerados conceituais se aventuram pelo mundo da arte, promovendo desfiles que remetem aos *happenings*, como os holandeses Viktor & Rolf que na coleção de inverno 1999, intitulada *Boneca Russa*, em vez de levar diversas modelos para a passarela, uma com cada *look*, colocavam todas as peças em uma só. Eles mesmos vestiram as roupas, uma em cima da outra, num efeito reverso de uma Matrioska³.

Em se tratando de desfiles conceituais performáticos, o estilista Alexander McQueen foi um exemplo emblemático. No verão de 1999, ele finalizou seu desfile com uma modelo vestida de branco, girando lentamente em um disco instalado no meio da passarela, enquanto era alvejada com tintas

³ Tradicionais bonecas russas feitas de madeira, encaixadas uma dentro da outra.

amarelo limão e preto, por duas grandes pistolas de pintura robotizadas, remetendo-se às performances conceituais de Yves Klein.

A arte contemporânea conta com a vantagem da sedução por possibilitar outras visualidades, percepções e reflexões ilimitadas. Nesse momento, o artista torna-se um possibilitador de ideias, com o conceito ou atitude da obra superando sua aparência e a reflexão passa a ser essencial e pessoal.

O caráter questionador da arte contemporânea aparece, também, nos desfiles conceituais. Martin Margiela, em seu desfile de inverno de 1998 (Figura 5), no qual haviam, no lugar das modelos, marionetes em tamanho natural, controladas por titereiros⁴, promovendo um questionamento sobre quem no mundo da moda puxa os cordões que elevam o ego dos *designers* e das suas marcas (DUGGAN, 2002, p. 22).

Figura 5: desfile Martin Margiela (<http://keihui.blogspot.com.br>), inverno 1998/1999.



Outro exemplo é Hussein Chalayan em seu desfile de inverno 2000/2001, quando apresenta a coleção intitulada *Afterwords* (Figura 52), em que a ideia era mostrar a dificuldade e luta dos refugiados que precisavam deixar suas casas para fugir de perseguições durante guerras. A forma como mostrou isso foi colocando cadeiras e uma mesa de centro dispostas como se fosse uma sala. As modelos entravam e se vestiam com as capas da cadeira,

⁴ Manipulador de fantoches.

que depois viraram malas e uma se veste com a mesa de centro, que vira uma saia de madeira.

A estilista Karlla Giroto, com seus desfiles de verão (*Neutro*) e inverno de 2005 (*Brecha*), explora a espacialidade externa, apresentando suas coleções através de performances que acontecem nos jardins do MAM⁵, no Rio de Janeiro, levando a moda para outro campo de convergência com a arte contemporânea — o campo expandido — conceito apresentado por Rosalind Krauss, em 1979, referindo-se à relação da escultura com a paisagem e a arquitetura, estabelecendo um diálogo entre o sujeito, o objeto, o espaço real e o tempo, ou seja, a sua externalidade.

Com o mercado ávido por diferenciais, é grande a busca por novas soluções. Tudo isso faz com que os desfiles conceituais, espetaculares e nos formatos de show sejam vistos de forma cada vez mais inovadora e criativa, afinal, a moda conceitual é um exercício de criatividade que dá vazão a novas e inusitadas possibilidades.

Considerações finais

A simbiose que existe entre moda e arte é claramente visível ao longo da história, quando por vários momentos estiveram juntas, servindo de fonte de inspiração uma para outra.

A integração, a multidisciplinaridade, a derrubada de fronteiras entre campos da esfera de criação é fundamental para a ampliação do pensamento, da reflexão, da ação na moda, no design e em outros campos que propiciem a interdisciplinaridade. (MOURA, 2008, p. 48)

Em especial, a partir dos anos 60, estilistas de vanguarda, assim como os artistas contemporâneos, recusam as convenções e fórmulas prontas para arriscarem-se conscientemente em um universo onde a funcionalidade e, em alguns momentos, a comercialização são recusadas em nome da experimentação e da ruptura com o comum. É o início da produção de desfiles de moda repletos de analogias com as produções artísticas contemporâneas.

⁵ Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro.

Assim como na arte contemporânea, os desfiles conceituais têm seu foco na essência visual, com a maior parte das peças longe de serem vendáveis. A preocupação não é em mostrar imagens, mas em construí-las, sejam elas de provocação, questionamentos ou reflexão, levando os espectadores e consumidores a pensarem e refletirem através de maneiras variadas e inusitadas.

Os desfiles de moda conceituais seguiram o curso da história e acompanharam o rumo da sociedade contemporânea, transformando-se em uma ferramenta importante para a subversão dos valores e a concretização do estilista como artista. São moda e arte se entrelaçando, em total sinergia e nutrindo-se reciprocamente.

Referências

CIDREIRA, Renata Pitombo. Os sentidos da moda: vestuário, comunicação e cultura. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

COSTA, Cacilda Teixeira da. Roupas de artista - O vestuário na obra de arte. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo: EDUSP, 2009.

DUGGAN, Ginger Gregg. O maior espetáculo da terra: os desfiles de moda contemporâneos e sua relação com a arte performática. Fashion Theory, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 3-30, 2002.

EVANS, Caroline. O Espetáculo Encantado. Fashion Theory, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 31-70, 2002.

MOURA, Mônica. A moda entre a arte e o design. In: Design de moda: olhares diversos. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.

MÜLLER, Florence. Arte e moda. São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

MUSÉE GALLIERA (França). Showtime: Le défilé de mode. Paris, 2006.

PEZZOLO; Dinah Bueno. Moda e arte: releitura no processo de criação. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas: a moda no século XIX. 2. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1987.